

**A variação dos pronomes *TU/VOCÊ* no português falado em Luanda
(Angola): resultados preliminares**

**The variation of the pronouns *TU/VOCÊ* in the portuguese spoken in
Luanda (Angola): preliminary results**

Higor Teixeira dos Santos

Universidade Estadual Feira de Santana – Brasil

<https://orcid.org/0009-0008-7790-0804>

Alexandre António Timbane

Universidade Estadual Feira de Santana –Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-2061-9391>

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre a variação dos pronomes *tu/você* no português falado em Luanda, Angola. Foram utilizadas para análise entrevistas, tipo DID (Diálogo entre informante e Documentador) -estratificadas por faixa etária, sexo, escolaridade, língua materna e local de nascimento do informante. Essas entrevistas gravadas entre os anos 2008 e 2013 fazem parte do projeto financiado pela UEFS/FAPESB “Em busca das raízes do português brasileiro”. O estudo faz parte da terceira fase desse projeto, fase 3: Estudos morfossintáticos. Na realização da pesquisa foi utilizado o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação, também denominado Sociolinguística Quantitativa, com base nas formulações de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) e de LABOV (2008[1972]). Esse é o modelo adotado em função de ser considerado teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição de uma comunidade de fala numa perspectiva variacionista. Na pesquisa de fenômenos morfossintáticos do Português Luandense (PL) em diferentes níveis (a norma popular e a culta) este estudo lançará dados que permitem entender melhor o paradigma pronominal utilizado no português falado em Luanda, Angola. As entrevistas foram transcritas graficamente, depois os dados foram levantados, codificados e submetidos ao programa computacional Goldvarb X, que forneceu as porcentagens e o peso relativo de cada grupo de fatores. Como resultado foi encontrada variação entre o *tu/ você* em Luanda, havendo uma ocorrência maior do *você* em todas as categorias, sendo essa a forma mais frequente utilizada pelo falante luandense.

PALAVRAS-CHAVE

Luanda. Português angolano. *Tu/você*.

ABSTRACT

This work presents an analysis of the variation of the pronouns **tu/você** in spoken Portuguese in Luanda, Angola. The analysis utilized DID (Dialogue between Informant and Documenter) interviews – stratified by age group, sex, education level, mother tongue, and place of birth of the informant. These interviews, recorded between 2008 and 2013, are part of the UEFS/FAPESB-funded project “In search of the roots of Brazilian Portuguese”. The study is part of the third phase of this project, phase 3: Morphosyntactic Studies. The research employed the theoretical-methodological model of Variation Theory, also known as Quantitative

Sociolinguistics, based on the formulations of Weinreich, Labov, and Herzog (2006[1968]) and Labov (2008[1972]). This model was adopted because it is considered theoretically coherent and methodologically effective for describing a speech community from a variationist perspective. In researching morphosyntactic phenomena of Luanda Portuguese (PL) at different levels (popular and standard norms), this study will provide data that allow for a better understanding of the pronominal paradigm used in spoken Portuguese in Luanda, Angola. The interviews were graphically transcribed, then the data were collected, coded, and submitted to the Goldvarb X computer program, which provided the percentages and relative weight of each group of factors. As a result, variation was found between *tu/você* in Luanda, with a higher occurrence of *você* in all categories, this being the most frequent form used by Luanda speakers.

KEYWORDS

Luanda. Angolan Portuguese. *tu/você*.

Introdução

Angola é um país da África Austral que, de acordo com o Instituto Nacional de Estatísticas de Angola, uma projeção da população em 2024 de 35. 121. 734 milhões de habitantes. Segundo Amélia Mingas, em “Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda” (2000), o país apresenta clima úmido, caracterizando-se por duas estações bem distintas: a estação da chuva e a estação da seca, além disso, o lugar possui riquezas como o petróleo, sendo a mais promissora. Sobre os dados históricos, Angola vem de um passado de dominação significativa pelos portugueses, o que resultou em uma série de conflitos chamados de “Guerras de Ocupação”.

Os colonos portugueses tinham vantagem por conta do seu desenvolvimento tecnológico fazendo com que os angolanos se tornassem submissos a esse poder, em contrapartida, os angolanos foram resistentes de tal forma que mesmo a presença dos portugueses desde o século XV, somente em 1926, que os colonialistas puderam finalizar seu plano de domínio total do território.

Sobre a questão linguística, Mingas (2000) também afirma que a nação angolana é multilíngue, uma vez que integra línguas estruturalmente diferentes umas das outras. Existem no país línguas pertencendo ao grupo bantu como o Umbundo, kimbundu, o cokwe, o kinkongo(variantes), o helelo, oxindonga, o oxiwanbo, o ngangela; e grupo khoisan e língua vatwa. A estas línguas, junta-se o português que desde o século XVI é a única língua oficial angolana.

Em função do fenômeno colonial, as diferentes línguas locais desenvolveram-se separadamente, uma vez que durante esse período os “assimilados” e suas famílias eram proibidos de falarem outra língua senão a portuguesa. Evidentemente, não pode deixar de citar que em Angola, existe a língua gestual entre a comunidade surda, a LGA (Língua Gestual Angolana), que é um sistema de sinais de ícone-cinético espaciais utilizados pelos surdos angolanos na comunicação de forma natural e espontânea (Sachizembo, 2022).

O país apresenta um multilinguismo importante com as chamadas línguas nacionais, que receberam tal nome por razões de planificação e política linguísticas, entretanto é a língua portuguesa que vem se configurando como a língua nacional angolana, ainda que não seja confundida como língua nativa de Angola (Naege, 2021). A variação entre os pronomes *tu\ você* ainda não possuem estudos

exaustivos. Daí urge a necessidade de estudar e apresentar características da variedade para que se possa criar instrumentos essenciais para a divulgação da variedade.

A importância do estudo do português angolano vem do seu passado de dominação português há pouco mais de 40 anos, que apesar do seu objetivo alcançado diante da resistência intensa por parte dos angolanos, a língua implantada, a portuguesa, passou a conviver com numerosas línguas africanas garantindo um multilinguismo. Além disso, durante a guerra civil houve uma migração de cidadãos das zonas rurais para Luanda gerando contato do português e das demais línguas locais fazendo com que surgisse uma nova variedade do português.

O presente estudo tem como objetivo descrever os pronomes tu/você na variedade linguística usada em Luanda, capital de Angola, a partir de um estudo em tempo aparente. A análise foi feita a partir de entrevistas, tipo DID (Diálogos entre Informante e Documentador), realizadas com moradores de Luanda. São ainda objetivos realizar comparações entre os resultados encontrados da amostra de Luanda com falantes de baixa escolaridade e falantes com nível superior e, também, apresentar relações com o português Brasileiro (PB).

Espera-se com a investigação contribuir para um melhor conhecimento sobre a variedade do português falado em Luanda e, na medida do possível, para o debate acerca da importância de aspectos sócio-históricos culturais na configuração atual do português falado nas ex-colônias portuguesas, e, especialmente, no tocante a importância do contato do português com línguas africanas.

1.Breve descrição sobre o português de angola: línguas em contato

Os primeiros contatos dos portugueses em Angola iniciaram a partir do século XV que de acordo com Endruschat e Schmidt-Radefeldt (2015, p.16), a Língua Portuguesa chega ao território africano em 1415 com a conquista de Celta, situada no lado oposto de Gibraltar, por D. Henriques, o navegador passando ao longo da Costa africana, depois Cabo Verde até chegarem à foz do rio Gâmbia. Já em Angola, os primeiros contatos entre os portugueses e o Reino do Congo, se deram no longínquo ano de 1482, na foz do Rio Congo.

De todos os países africanos colonizados, Angola foi a nação que mais representou economicamente vantagem para Portugal, uma vez que fornecia muitos recursos, entre eles, a presença numerosa de escravizados para o Brasil, além disso, a própria expansão da língua portuguesa configurou-se como uma razão das aventuras dos navegadores portugueses. A fase marcada pelas trocas comerciais chamada de “presença” decorreu majoritariamente na zona costeira. Mais tarde, motivado por interesses surgiu a fase de penetração marcada por conflitos e resistências. Após essa fase, costumes e hábitos da potência colonial eram forçados para aprendizagem, tornando o português a língua oficial, convivendo com as línguas nacionais de Angola (Luemba, 2018).

A independência de Angola aconteceu em 11 de novembro de 1975, proclamada pelo MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). De acordo com os registros, a emancipação de Angola foi complexa porque “[...]além da luta contra a opressão colonial, houve uma guerra civil entre os três partidos que conduziram a luta para a independência[...]” segundo Luemba (2018). Conforme Nauege (2021, p.125):

Desde a fase de primeiros contactos até à colonização efetiva do

território angolano, mesmo sendo de forma não equilibrada, ou seja, não se deu a efetiva colonização simultânea no litoral e no interior. A Língua Portuguesa convive com numerosas línguas africanas de Angola, que pelo contacto secular já têm estado a influenciar na guinada daquilo a que chamaríamos de Português de Angola (PA), que em muitos paradigmas gramaticais se vai distinguindo do português padrão de Portugal (PE).

Mingas (2000) apresenta uma discussão a respeito da situação de contato entre a língua portuguesa, oficial, e as diferentes línguas locais pertencendo, em sua maioria, à família bantu. A língua resultada desse contato entre a língua materna e a segunda língua foi durante muito tempo considerada “incorreta”. A autora se debruça com mais afinco na língua bantu kimbundu e o português e apresenta quadro fonéticos sobre os sons vocálicos e consonantais dessas línguas, afim de compreender as interferências. A respeito dessa análise, afirma-se que:

Ao analisar os quadros apresentados acima, é-nos fácil constatar que as vogais orais do português comportam quatro de abertura como as do kimbundu, mas com duas vogais centrais Bing e não uma bem como a existência de uma oposição entre vogais orais e nasais. Esta constatação parece-nos importante para análise das interferências que provém do contato entre o português e o kimbundu. Nota se, por outro lado, a ausência de consonância pré- nasais, característica das línguas banto é, obviamente, do kimbundu. É interessante verificar como estas diferenças foram ultrapassadas pelos locutores da variante. (Mingas, 2000, p.41).

Inverno (2018) também debate sobre a situação supracitada declarando que o contato do português com as línguas angolanas foi responsável por originar uma reestruturação linguística significativa seja das línguas africanas e da língua portuguesa, tendo como resultado o desenvolvimento de um *continuum* de variedades do português que aponta para uma demanda de uma nova variedade nacional da língua. Sendo esta variedade que se tem generalizado no contexto de Angola. A autora considera que a língua portuguesa é a mais usada em casa pela maioria da população angolana principalmente nas zonas urbanas.

Assim, a nível nacional, apenas na faixa etária dos 2 aos 4 anos e nas faixas etárias a partir dos 75 anos a proporção de falantes de português é inferior a 50%. Em zona urbana, a única faixa etária cuja proporção de falantes de português se situa abaixo dos 50% é também apenas a dos 2 aos 4 anos, pois nas faixas etárias até aos 44 anos a proporção de angolanos que declararam falar português em casa situa-se sempre acima dos 90% e nas faixas etárias a partir dos 44 anos oscila entre 89,5% (45 aos 49 anos) e 66,3% (dos 80 aos 84 anos), subindo para 72,8% na faixa etária dos 95 ou mais anos. Nas zonas rurais a proporção de falantes de português por faixa etária é significativamente mais baixa veja mas situa-se acima dos 50% em todas as faixas etárias até aos 54 anos, exceto, como vimos, nas faixas etárias dos 2 aos 4 anos (17,2%) e dos 5 aos 9 anos. (49,7%) (INVERNO, 2018, p. 85).

Inverno ressalta ainda sobre esse contato linguístico:

O intenso contato linguístico entre as diferentes línguas francas africanas e entre estas e as diferentes variedades de português falada na colônia traduziu-se numa reestruturação significativa de todas as línguas em presença, como atestam Chatelain (1888-1889 [1964]; 1894 [2001]) para o kimbundu, Tavares (1915) para o umbundu e Schuchardt (1888) para o português. Nas Zonas de maior intensidade do tráfico negreiro, ter-se-ão inclusivamente formado línguas mistas de base africana, como o olumbali em Moçamedes (de base kimbundu), o bengala (de base kimbundu e cokwe) e o kimbundu de Nambuangongo, na atual província do Bengo (de base kimbundu e kikongo) (Inverno, 2018, p.93).

2. Tu\ você no português de Luanda (Angola)

Ainda que os pronomes de tratamento do português angolano não possuam estudos exaustivos objetivando cada vez mais estabelecer estudos significativos sobre essa variedade, Naege (2021) trata sobre as formas de tratamento no português de Angola trazendo um contributo semântico-pragmático. A fim de ajudar na compreensão das variáveis, Cintra (1986) faz uma abordagem sistemática (diacrônica e sincrônica) a respeito que são similares no português angolano, como a decadência ou declínio do *tu* “verifica-se em sua substituição o uso de *você*, que veicula valores semântico-pragmáticos de igualdade, intimidade, empregue como FT de superior para inferior e aos poucos o seu emprego não é aceitável de inferior para superior.” (Naege, 2021, p.129).

A forma *tu* vai perdendo espaço no cenário das formas de tratamento no português angolano, é pouco usada pelos falantes restringindo apenas a próximos, íntimos, entre amigos, colegas e/ou entre pais e filhos. Naege (2021) considera que o referido pronome “sendo uma forma que carrega os valores semânticos de proximidade, +confiança, -afastamento, nem sempre -respeito (por que pode ser o *Tu* empregue entre pessoas que não são da mesma idade, mas são próximas)”. Sobre o *tu* no português de Portugal, Cunha & Cintra (1984) asseveram o seguinte:

No Português europeu normal, o pronome *tu* é empregado como forma própria de intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem-se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão [...] em certas famílias de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa (Cunha; Cintra, 1984, p.293, grifo nosso).

Então, a forma *você* ganhou cada vez mais espaço entre a população angolana manifestando como o pronome que é direcionado para se referir a segunda pessoa do singular, como mostra a afirmação seguinte:

Em Angola está generalizado o emprego de *Você* substituindo o *Tu* em quase todas as suas dimensões, veiculando os valores semânticos de + proximidade, -afastamento, +intimidade, + confiança, e até certo ponto, + respeito, por oposição ao *Tu* que embora não se use com frequência se tem consciência da sua existência como a FT que traduz melhor os valores semânticos -distanciamento, +proximidade,

+intimidade, +confiança, -afastamento, usando-se como FT igualitário ou de superior para inferior, contrastando com os valores semânticos atribuídos a Você no Português europeu (apenas para veicular valores de tratamento igualitário e de superior para inferior) (Nauege, 2021,p.132-133).

O uso de *vocês* torna-se cada vez mais popular a ponto de ser utilizado em substituição do *vós*, pronome de tratamento que era apropriado para se dirigir ao rei. A razão para isso é que o *vocês* é cada vez mais produtivo em detrimento do *tu*. O uso explícito do *you* também pode ser atestado abaixo:

Muitos falantes, sobretudo aqueles cujo nível de escolaridade se situa entre os mais escolarizados, recorrem à estratégia da supressão pronominal, omitindo a FT Você para atenuar o efeito (-distanciamento, - respeito, -humildade, + confiança, + intimidade, -afastamento, - delicadeza) quando se trata de um alocutário assimétrico, quer assimetria por superioridade, quer por inferioridade; estratégia desconhecida por falantes angolanos cuja escolaridade se situa entre os menos escolarizados, que optam sempre por uso explícito da FT Você (Nauege, 2021, p.135).

Sobre o uso do *you* tem-se que:

É dado assente ser produtivo o uso da FT Você, no Português falado em Angola, pelos mais diversos estratos sociais, relegando para planos mais simétricos o uso do Tu como um resquício, cujo uso é notado predominantemente entre os falantes que tenham relações sociais, acadêmicas e de parentesco muito próximas, muitos dos quais que tenham tido uma emersão linguística e cultural no Português Europeu, ou tenham tido passagem por Portugal enquanto estudantes, migrantes habituados a esta FT pronominal (Nauege, 2021, p.135-136).

Assim sendo, o *tu* está cada vez menos utilizado pelos falantes angolanos, sobretudo, os informantes não escolarizados, que preferem o uso de *you*, cada vez mais produtivo e utilizado por escolarizados e não escolarizados. Esta forma de tratamento é muito utilizada para marcar mais intimidade e menos distanciamento.

Teixeira (2008) também discute sobre o pronome *you*, como tratamento íntimo na fala de informantes falantes nativos do português e bilíngues português/língua nacional. Um fato interessante trazido pela autora sobre o contato linguístico em Angola, é que o tempo de contato entre angolanos e portugueses foi muito mais curto do que no Brasil, tendo como razões o comércio bilateral entre Brasil e Angola, o que ocasionava em viagens rápidas, ou seja, era mais fácil ir a cidades brasileiras e a África, conforme propôs Alencastro (2000).

Sobre os resultados encontrados a partir de uma amostra com informantes de ambos os sexos quatro níveis de escolaridade e três faixas etárias, composta de falantes nativos de português e de falantes nativos de línguas nacionais assemelham-se aos de Nauege (2021) levantados nesta seção. Aos achados de Teixeira, tem-se:

Sabe-se que na norma culta angolana, assim como na portuguesa, o pronome tu é usado como forma de tratamento íntimo, ficando o

“você” para marcar distância ou, como afirmou um informante, é usado com pessoas nas quais o locutor não tem confiança ou simplesmente não quer dar confiança. No entanto, observou-se o uso frequente desse pronome como tratamento íntimo, o que me levou a levantar a hipótese de que poderia estar ocorrendo uma mudança em curso. Esta hipótese não foi confirmada: os resultados mostraram não haver correlação com idade. (Teixeira, 2008, p.7).

Pôde-se observar no seu estudo a combinação do pronome você com a forma verbal de segunda pessoa, uso comum na fala de informantes falantes nativos das línguas nacionais, analfabetos ou até mesmo de nível fundamental como nos exemplos seguintes retirados da amostra: “(1) ..., mas como você cresceu na cidade... (m3an) e (2) Sim, é bom que você os pergunte a eles. (h3fn)”. Além disso, Teixeira (2008) acrescenta que o *tu* é muito frequente no Brasil combinado com a forma verbal de terceira pessoa ou segunda pessoa indireta.

Segundo a autora, a frequência de uso de você diminui quando aumenta o nível de escolaridade. Outra questão, é o *você* se referindo aos idosos, um hábito que antes não era utilizado, uma vez que faz parte da cultura angolana tratá-los de maneira respeitosa com formas corteses que são: *a tia, paizinho, o avô Fulano*. A autora fez o cruzamento das variáveis classe social e grau de aproximação dos interlocutores, onde chegou à seguinte conclusão. A tabela 3, acima, extraída de Teixeira (2002), mostra que no final do século XIX, na Bahia, a classe baixa, constituída de africanos e seus descendentes (cf. MATTOSO, 1993) além de usarem o pronome você categoricamente, usavam-no indiscriminadamente para íntimos e não íntimos, tal como o usam os angolanos em Luanda; os tratamentos corteses, dirigidos aos mais velhos, eram Vosmecê e Senhor. (Teixeira, 2008, p.10).

3. Metodologia

O método utilizado no trabalho foi o da Sociolinguística Quantitativa, também chamado de modelo teórico-metodológico da Teoria da variação, com base nas formulações de Weinreich, Labov e Herzog (1968 [2006]) e por Labov (1972 [2008]). Esse é o modelo adotado em função de ser considerado teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição de uma comunidade de fala numa perspectiva variacionista. De acordo com, Cezario & Votre (2008) a Sociolinguística através da sua metodologia de análise da língua em situação real de comunicação pode medir o número de ocorrências de uso de uma variante e fazer previsões sobre as principais tendências de uso em relação a essa variante.

De acordo com a obra *A Pesquisa Sociolinguística*, de Fernando Tarallo (1985), foi William Labov precursor dos estudos desse método teórico- metodológico. Sua análise constitui uma reação a ausência do componente social encontrada no modelo gerativo. “Foi, portanto, William Labov quem mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (TARALLO, 1986, P.7).

Os dados das pesquisas empíricas (análises sociolinguísticas) foram levantados em entrevistas sociolinguísticas do tipo Informante e Documentador, já realizadas e já transcritas. Essas entrevistas pertencem ao acervo do projeto *Em busca das raízes do português brasileiro* (CONSEPE, 0036/2009), que foi concebido e coordenado pela Profa. Dra. Eliana Sandra Pitombo Teixeira que realizou as visitas e as gravações em Luanda com auxiliares locais. As entrevistas foram feitas com sujeitos de Luanda com baixa ou nula escolaridade dividida nos sexos masculino e

feminino nas seguintes faixas etárias:

Faixa A: 21 a 35 anos;

Faixa B: 36 a 51 anos;

Faixa C: a partir de 52 anos.

Foram selecionadas algumas entrevistas com os moradores para serem analisadas quantitativamente e os dados expostos em tabelas, usando grupos de fatores, utilizando evidentemente a variável dependente “tu” “você” e os fatores internos foram: concordância verbal (concordância entre sujeito e verbo e não concordância entre sujeito e verbo); tipo de sujeito (sujeito pleno ou sujeito nulo). Os fatores externos, dizem respeito, a faixa etária, como já foi mencionado, sexo e língua materna (português e outras línguas).

Os dados foram submetidos ao Goldvarb X, um programa computacional específico para análise de regras linguísticas variáveis, que gerou as frequências de cada variável, bem como a sua distribuição e relevância estatística possibilitando verificar a alternância do “tu” e “você” no português de Luanda. Não trabalharemos com os pesos relativos dado o pequeno número de dados. Na próxima etapa do projeto, incluiremos mais informantes, com diferentes escolaridades, o que nos dará maior número de ocorrências e a possibilidade de uma análise estatística mais elaborados.

4. Resultados propostos/alcançados

Abaixo são apresentados os resultados quantitativos sobre a variação entre *tu* e *você* na variedade do português falado em Luanda:

Tabela 1: Uso do *tu/ você* na fala de pessoas com baixa ou nula escolaridade

VOCÊ	TU
78/106	28\106
73.6%	26.4%

A tabela 1 mostra uma preferência pelo uso de *você* em detrimento do *tu*, fato apresentado nos estudos de Naege (2021) e Teixeira (2008) já citados anteriormente. O resultado corrobora com o que Teixeira concluiu sobre a frequência do *você* que diminui à medida que aumenta a escolaridade. Isso quer dizer que, nesse caso, o *você* deve seu aumento aos falantes menos escolarizados, tendo em vista que este público utiliza essa forma de tratamento por veicular mais valores semânticos de proximidade, intimidade e menos distância. Como afirma Naege (2021), o *você* é cada vez mais produtivo no português angolano nas diversas camadas sociais. Enquanto sobre o *tu*:

Relegando para planos mais simétricos o uso do *Tu* como um resquício, cujo uso é notado predominantemente entre os falantes que tenham relações sociais, acadêmicas e de parentesco muito próximas, muitos dos quais que tenham tido uma emersão linguística e cultural no Português Europeu, ou tenham tido passagem por Portugal enquanto estudantes, migrantes habituados a esta FT pronominal (Naege, 2021, p. 134-135).

Abaixo aparecem alguns exemplos com *tu* e *você* em entrevistas com moradores de Luanda:

Ex 1: Tu tens que fazer todo trabalho de casa.

Ex 2: Se tu não faças.

Ex 3: Por que, por que você criando um filho.

Ex 4: Se você não trabalha a vida fica assim muito difícil.

É possível observar a concordância entre o sujeito e o verbo no uso do *tu*. Já no *você*, tem uma combinação com a forma verbal de terceira pessoa. Outra análise, é o preenchimento pronominal da forma *você* que segundo os estudos de Teixeira (2012) sobre a representação do sujeito pronominal no português popular angolano, quando o *você* é usado, o número de sujeitos expressos aumenta consideravelmente.

Teixeira em seus resultados a partir de dados coletados em Luanda, reunidos numa amostra constituída de dez informantes de ambos os sexos, com nulo ou baixo nível de escolaridade (até a 5ª série do fundamental), falantes nativos do português e de uma das línguas nacionais, sobretudo, do quimbundo. Teixeira (2012) ainda ressalta “[...] De todo modo, ficou evidente que a introdução do *você* levou ao maior preenchimento da terceira pessoa quando se perdeu a distinção entre P2 e P3” (p.15-16).

Percebe-se, nos exemplos que, diferentemente do que ocorre no PB contemporâneo, há ainda a concordância entre o sujeito e o verbo no uso do *tu*. Mas essa concordância não é de 100% como será visto mais adiante no uso do “*tu/você*” de acordo com a concordância verbal.

Tabela 2: Uso do “*tu/você*” na fala de pessoas com ensino superior

Você	Tu
30/52	22/52
58%	42%

Fonte: Dados da pesquisa

Nessa tabela é possível observar uma inclinação maior pela forma “*Você*” com 58% em detrimento do “*tu*” que aparece com 42% em pessoas de nível superior. Não se constata uma diferença significativa, mas ainda sim, é visível o favoritismo pela forma pronominal “*você*”. Esse resultado mostra que os falantes com ensino superior também preferem o *tu*, que como asseverou Nauege (2021), esse pronome tem muita predominância entre pessoas com relações acadêmicas, sociais e parentesco muito próximas.

Portanto, diante dos dados exibidos nas duas tabelas observa-se uma semelhança entre elas porque a forma “*Você*” é a que representa ocorrência maior dos falantes respectivamente (73.6% e 58%), embora haja uma discrepância nos resultados nas duas tabelas: Por exemplo, na tabela com pessoas de baixa ou nula escolaridade a diferença entre as duas formas é maior do que na tabela com pessoas de nível superior. Outra questão é que dentre os dois públicos analisados, as pessoas sem escolaridade são as mais que usam a forma “*Você*” do que as escolarizadas. Assim, sendo comprovada a conclusão de Teixeira (2008).

Tabela 3: Uso do *tu/você* de acordo com a concordância verbal de pessoas com baixa ou nula escolaridade

CONCORDÂNCIA VERBAL	VOCÊ	TU
CONCORDÂNCIA ENTRE O SUJEITO E O VERBO	59/84 70.2%	25/84 29.8%
NÃO CONCORDÂNCIA ENTRE O SUJEITO E O VERBO	19/22 73.6%	3/22 26.4%

Chama atenção nesta tabela é a não concordância quando se uso o *você* com morfologia de segunda pessoa, diferentemente do que ocorre no PB, no qual se usa morfologia de terceira, como a origem de *você* determina, ou seja, a concordância que era feita com *Vossa Mercê*. Abaixo exemplos de uso de *você* com morfologia de segunda pessoa no português angolano.

Ex 5: Não, *você* não podes gostar de me porque *você* já tens sua namorada.
(Informante feminina, natural de Luanda, 28 anos, jovem)

Ex 6: *você* que estais a falar.

(Informante feminina, natural de Luanda, 28 anos, jovem)

Tabela 4: Uso do *tu/você* de acordo com a concordância verbal de pessoas com nível superior

CONCORDÂNCIA VERBAL	VOCÊ	TU
CONCORDÂNCIA ENTRE O SUJEITO E O VERBO	30/30 100%	18/22 82%
NÃO CONCORDÂNCIA ENTRE O SUJEITO E O VERBO	—	4/22 18%

Nessa tabela, na concordância entre o sujeito e o verbo, há probabilidade máxima sobre *você* que representa uma totalidade sobre o *tu*; já na categoria não concordância, chama atenção que só a forma “*tu*” aparece nessa categoria com 18%.

Constata-se uma equivalência nas duas tabelas sobre a concordância entre o sujeito e verbo, os falantes usam *você* com a concordância de acordo com o padrão 100% das vezes, o que não ocorre com o público que não possui escolaridade, ainda sim é o mesmo pronome que representa o maior percentual (70.2%) em detrimento do *tu* (29.8%). Um fato curioso é que já no grupo “Não concordância entre o sujeito e o verbo” com falantes escolarizados é a ausência do público que fala a forma *você*. Esse caso não se repete na tabela de pessoas com baixa ou nula escolaridade que no fenômeno de não concordância *você* é mais uma vez a mais utilizada com 73.6%.

Ao remeter a investigação de Teixeira (2008) sobre a representação do sujeito pronominal no português popular angolano, obtém-se à seguinte conclusão: “No Brasil, é mais frequente o *tu* com verbo na terceira pessoa, enquanto em Angola os falantes de baixa ou nula escolarização costumam usar, mais frequentemente, o pronome *você* com a desinência verbal da segunda pessoa.” (Teixeira, 2008, p.10).

A referida autora realiza uma discussão sobre a (não) concordância verbal no

quimbundo, uma das línguas bantu mais falada em Angola afirmando que não existem traços de concordância verbal entre o pronome sujeito e o verbo. E considera também que os falantes não alfabetizados e de baixa escolaridade tendem a utilizar a forma *você* sem distinção para qualquer destinatário sendo uma pessoa íntima ou não. Esse fato se deve a não-existência no quimbundo de pronomes de tratamento como *você*.

Tabela 5: Uso do *tu/você* de acordo com a faixa etária de pessoas com baixa ou nula escolaridade

FAIXA ETÁRIA	VOCÊ	TU
F1-21 A 35 ANOS	60/86 70%	26/86 30%
F2 - 36-51 ANOS	1/3 33%	2/3 67%
F3 - A PARTIR DE 52 ANOS	17/17 100%	—

Fonte: Dados da pesquisa

Enquanto de acordo com a faixa etária predomina o uso do *você* na faixa de 21-35 anos com 70% e em falantes a partir de 52 anos o uso do *você* é de 100%, já com o *tu*, 30% correspondem a idade de 21-35 anos e 67% a idade de 36-51 anos; esses resultados correspondem a variação do português luandense.

Observa-se algumas semelhanças entre os resultados de Teixeira (2012) utilizando essa variável, que é a faixa etária 3 apresentando o maior percentual de uso do *você*. O público da faixa 1, a mais jovem, utiliza a mesma forma de tratamento com 70%, o que pode levar a crer que está ocorrendo uma mudança em curso.

Tabela 6: Uso do *tu/você* de acordo com a faixa etária de pessoas com nível superior

FAIXA ETÁRIA	VOCÊ	TU
F1 - 21-35 ANOS	4/21 19%	17/21 81%
F2 - 36-51 ANOS	23/27 85%	3/27 15%
F3 - A PARTIR DE 52 ANOS	¾ 75%	¼ 25%

Fonte: Dados da pesquisa

Nesse quesito a forma *tu* apresenta uma incidência maior na faixa de 21-35 anos com 81% sobre 19%, no entanto, na faixa sucessora há uma mudança, onde a forma *você* é a mais falada pelo público com 85%, essa situação acontece entre as pessoas com idade superior a 52 anos que falam *você* em maior ocorrência contra 25%.

Existe um contraste nesse grupo com a tabela anterior dessa mesma natureza

no público de 21-35 anos, a forma *você* é a mais falada com 70% na variedade anterior, já no público com ensino superior, o *tu* apresenta uma incidência maior de 81%. A mudança continua na outra faixa de 36- 51 anos, as pessoas escolarizadas utilizam o *você* de forma plena com 85%, o que difere das pessoas com baixa ou nula escolaridade que optam por utilizar o *tu*. Por fim, o público a partir de 52 anos de nível superior prefere também o *você* (75%) em oposição ao *tu* (25%). Em contrapartida, na classe de pessoas não escolarizadas há uma totalidade de 100% nessa faixa etária: as pessoas utilizam somente a forma *você*.

Tabela 7: Uso do *tu/você* de acordo com o sexo/gênero com pessoas de baixa ou nula escolaridade

SEXO	VOCÊ	TU
FEMININO	63/90 70%	27/90 30%
MASCULINO	15/16 94%	1/16 6%

Fonte: Dados da pesquisa

Nessa categoria tanto o público feminino quanto o masculino preferem a forma “*Você* como tratamento, respectivamente 70% e 94% e nota-se que entre os dois sexos o grupo masculino utiliza esse pronome em maior percentual que o feminino. Os homens que utilizam o “*tu*” representa um percentual bem inferior aos outros que fazem uso do *você*, o que chega à conclusão de que eles falam quase majoritariamente a forma dominante.

Tabela 8: Uso do *tu/você* de acordo com o sexo/gênero com ensino superior

SEXO	VOCÊ	TU
Feminino	20\36 55, 5%	16\36 44,5%
Masculino	10\16 62,5%	6\16 37,5%

Fonte: Dados da pesquisa

Nota-se que esse público prefere a forma *você* tanto feminino quanto masculino respectivamente 55,5% e 62,5%, com o grupo masculino representando a ocorrência maior de falantes desse pronome.

Outro ponto a ser analisado que tanto na tabela de pessoas com baixa ou nula escolaridade quanto na de ensino superior ocorre a mesma situação: os homens são os que falam mais a forma *você* com resultados diferentes. No público superior a diferença entre os dois gêneros é menor do que no outro grupo, outra questão é que entre as pessoas sem escolaridade, não existe um equilíbrio nos números, o que é visível na tabela subsequente, os percentuais parecem ser quase

equiparados.

É presente neste artigo as contribuições do trabalho realizado por Pedro (2021) intitulado as “Dinâmicas das formas de tratamento no português veiculado em Angola”, constata-se a partir de resultados obtidos da Administração Municipal de Luanda, que nas ocorrências das formas de tratamento às pessoas com as quais não há intimidade, a forma *você* é a mais utilizada com 40%, em segundo lugar, o *senhor\ a senhora*, representado por 30%. Já, o *tu*, consecutivamente, com 27% dos falantes. Conclusões estas que se assemelham aos resultados da investigação *tu\ você* no português angolano.

Considerações finais

Este trabalho buscou por meio de resultados alcançados com a investigação contribuir para um melhor conhecimento sobre a variedade do português falado em Luanda e colaborando, na medida do possível, para o debate acerca da importância de aspectos sócio-históricos culturais na configuração atual do português falado nas ex-colônias portuguesas, e, especialmente, no tocante a importância do contato do português com línguas africanas. O estudo cumpriu seus objetivos que foram analisar a variação *tu/você* em entrevistas realizadas com moradores de Luanda e evidenciar relações com o português brasileiro.

Observou-se que a forma *você* apresentou uma maior incidência em quase todas as categorias, processo semelhante ao que ocorreu com os falantes de baixa escolaridade. Resultados que foram verificados em estudos consolidados sobre essas formas de tratamento, a ponto de que, foi possível relacioná-los com esta investigação.

Espera-se através essa investigação contribuir com estudos sobre a variedade do português angolano esta que, por sinal, ainda não possui trabalhos exaustivos colocando-a no rol de pesquisas sobre a variedade. Assim sendo, procura-se traçar contornos da norma linguística do português luandense, sendo esse o representante do português angolano. Dessa forma, oportuniza-se abrir caminhos para trabalhos vindouros sobre o português de Angola sobre variados fenômenos.

Referências

- ALENCASTRO, L. F. **Trato dos viventes**: formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- CINTRA, L. **Sobre formas de tratamento na Língua Portuguesa**. Lisboa: Horizonte, 1986.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.
- ENDRUSCHAT, A.; RADEFELDT-SCHMIDT, J. **Introdução Básica à Linguística do Português**. Trad. de António C. Franco. Lisboa: Colibri, 2015.
- INVERNO, L. Contato linguístico em Angola. In: PINTO; Paulo Feytor; MELO, Sílvia (org.). **Políticas linguísticas em português**. Lisboa: LIDEL, 2018.
- MINGAS, Amélia A. **Interferência do Kimbundu no Português falado em Lwanda**. Luanda: Caxinde, 2000.
- NAUEGE, J. M. As formas de tratamento no português de Angola: contributo semântico-pragmático. In: TIMBANE, A. A.; SASSUCO, D. P.; UNDOLO, M. **O (Org.). português de em Angola**: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino. 1ª edição. São Paulo: Editora opção, 2021.p. 124-141.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. Marco Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LUEMBA, A.V. **Professor em Situações Multilíngues:** Contributo para a formação do Professor de Português em Angola. 2018. 86f. Dissertação Estudos Lusófonos- Universidade da Beira Interior, Covilhã, junho de 2018.

PEDRO, J. (2021). Dinâmica das formas de tratamento no português veiculado em Angola. **Njinga Sepé:** Revista Internacional e Culturas, Línguas Africanas Brasileiras, 1 (Especial),p.322-340.

SACHIZEMBO, J. de A. A. C. A Língua Gestual Angolana (LGA): uma introdução. **Njinga & Sepé:** Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº 1, p.668-669, jan./jun.2022.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TEIXEIRA, E. P. A representação do sujeito pronominal no português popular angolano. **Papia**, vol. 22, n. 1, p. 141-159, 2012.

TEXEIRA, E.P.; ARAÚJO, S. S. de F. (Org.). **Diálogos entre Brasil e Angola: o português d'aquém e d'além-mar.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2017.

TEIXEIRA, E. P. O pronome você no português de Luanda. In: LIMA HERNANDES, M. C.; MARÇALO, M. J.; MICHELETTI, G., MARTIN, V. de R. (Org.). **A língua portuguesa no mundo.** São Paulo: Ed.USP 2008.

Para citar este artigo: SANTOS, Higor Teixeira dos.; TIMBANE, Alexandre António. A variação dos pronomes *TU/VOCÊ* no português falado em Luanda (Angola): resultados preliminares. **AXÉUNILAB: Revista Internacional de Estudos de Linguagens na Lusofonia.** São Francisco do Conde (BA), vol.01, nº02, p.165-178, jul./dez. 2025. (Editores: Eduardo David Ndombele & Alexandre António Timbane)

Higor Teixeira dos Santos, Mestrando em Estudos Linguísticos- PPGEL UEFS- Bolsista Capes. Pós-graduando na Universidade Estadual de Feira de Santana em Linguística e Ensino- Aprendizagem de Língua Portuguesa. Professor de Língua portuguesa e Redação. Fui Aluno Especial do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Uefs na disciplina Variação, Mudança Linguística e Ensino. Atuei como professor regente nas disciplinas de Língua Portuguesa, Redação e Artes nas turmas de ensino fundamental e EJA em colégios públicos. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana- Uefs, vínculo bolsista CAPES, E-mail: teixeiradossantoshigor@gmail.com

Alexandre António Timbane, Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (2013) pela UNESP, Mestre em Linguística e Literatura moçambicana (2009) pela Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique (UEM). É Licenciado e Bacharel em Ensino de Francês como Língua Estrangeira (2005) pela Universidade Pedagógica-Moçambique (UP). Docente do Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da